


CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI

Contributions for education of José Carlos Mariátegui
Aportes para la educación de José Carlos Mariátegui

Marcela Andresa Semeghini **PEREIRA**
Doutora em Ciências Sociais
Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, Brasil
ma.andresa@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7240-5283> 

Mais informações da obra no final do artigo ●

RESUMO – A presente pesquisa apresentou as principais contribuições à educação do intelectual e jornalista peruano José Carlos Mariátegui. Inicialmente fez-se uma breve cronologia de sua vida, apresentando também o contexto da América Latina entre os anos de 1918 a 1923, quando iniciou os escritos e a militância na educação. Explicitou um interesse enfático com a educação dos trabalhadores, não apenas pela construção de uma democracia andina, mas também como meio de proporcionar uma ação consciente das massas populares na luta pelo socialismo. Mariátegui também destacou que a aprendizagem é um processo para toda a vida, portanto a formação integral do indivíduo não se alcança nos primeiros anos de vida, o aprender pessoal apenas se esgota no final da vida. Referente ao método informou-se as três ideias pedagógicas centrais no tipo de educação não formal proposta pelo Amauta que são a estratégia pedagógica da conversação, rol mediador do docente e prática da contradição cognitiva. O autor nos faz refletir sobre o que implementar para criar uma escola que faça com que o conhecimento chegue até os trabalhadores/proletários, camponeses, pobres, negros etc, sendo um dos maiores desafios dos profissionais da educação hodierna. A orientação teórico-metodológica destes apontamentos compreendeu o materialismo histórico dialético, estabelecendo uma conexão com o conhecimento teórico e a realidade histórica objetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Educação dos trabalhadores. Mariátegui. Materialismo Histórico.

ABSTRACT - This research presented the main contributions to the education of the intellectual and Peruvian journalist José Carlos Mariátegui. Initially we made a brief chronology of his life, later presented the context of Latin America between the years 1918-1923, when he started the writings and activism in education. He explained an emphatic interest in the education of workers, not only for the construction of an Andean democracy, but also as a means of providing a conscious action of the masses in the struggle for socialism. Mariátegui also stressed that learning is a process for life, so the integral formation of the individual is not achieved in the first years of life, personal learning just runs out at the end of life. Concerning the method, it was reported the three central pedagogical ideas in non-formal type of education proposed by Amauta that are the pedagogical conversation strategy, mediator role of the teaching and practice of cognitive contradiction. The author makes us reflect on what to implement to create a school that makes that knowledge gets to the workers / proletarian, peasants, poor, black etc, one of the greatest challenges of today's professional education. The theoretical and methodological orientation of these notes understood the dialectical historical materialism, establishing a connection to the theoretical knowledge and objective historical reality.

KEYWORDS: Education Workers. Mariátegui. Historical Materialism.

RESUMEN - Esta investigación presenta las principales contribuciones a la educación del intelectual y periodista peruano José Carlos Mariátegui. Inicialmente hizo una breve cronología de su vida, más adelante se presenta el contexto de América Latina entre los años 1918-1923, cuando empezó a los escritos y actividades en la educación. Explicó un interés enfático en la educación de los trabajadores, no sólo para la construcción de una democracia andina, sino también como un medio para proporcionar una acción consciente de las masas en la lucha por el socialismo. Mariátegui también hizo hincapié en que el aprendizaje es un proceso de por vida, por lo que la formación integral del individuo no se logra en los primeros años de vida, el aprendizaje personal sólo se ejecuta al final de la vida. En cuanto al método, se informó de las tres ideas pedagógicas centrales de tipo no formal de educación propuesta por Amauta que son la estrategia pedagógica conversación, el papel mediador de la enseñanza y práctica de la contradicción cognitiva. El autor nos hace reflexionar sobre lo que debe poner en práctica para crear una escuela que hace que el conocimiento llega a los trabajadores / proletaria, campesinos, pobres, etc negro, uno de los mayores desafíos de la educación profesional de hoy. La orientación teórica y metodológica de estas notas entiende el materialismo histórico dialéctico, se establece una conexión con el conocimiento teórico y la realidad histórica objetiva.

PALABRAS CLAVE: Trabajadores de La Educación. Mariátegui. El materialismo histórico.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intencionou apresentar o jornalista, poeta, crítico, e escritor peruano José Carlos Mariátegui, considerado o maior intelectual marxista da América Latina, focando suas contribuições para a Educação da América Latina expostas, principalmente em sua obra *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*.

Iniciamos o trabalho fazendo uma breve cronologia do autor, sua história de vida e, jornais em que trabalhou e fundou, como os jornais *La Noche* e *Nuestra Epoca*. O autor fez-se a si próprio, foi um autodidata, contrário ao ensino tradicional declarando um interesse enfático a educação dos trabalhadores, não apenas pela construção de uma democracia andina efetiva, mas também como meio de proporcionar uma ação consciente das massas populares na luta pelo socialismo.

Mariátegui escreveu em meio a efervescência do movimento estudantil, que iniciou-se na Argentina, cidade de Córdoba, pela reforma da Universidade, marcando o nascimento da nova geração universitária latino-americana.

Mariátegui apontou as principais reivindicações da Reforma Universitária que se resumem na intervenção dos alunos na gestão das universidades e o funcionamento de cátedras livres, ao lado das oficiais, com idênticos direitos, a cargo de professores ministrem disciplinas que oxigenem o currículo, liberdade de frequência dos alunos, aproximação da Universidade com a sociedade, particularmente os trabalhadores.

Para Mariátegui escola deveria unir o trabalho manual e o trabalho intelectual, (naquele momento criticava o ensino focado nas letras) em um mesmo ambiente, pois observou a dificuldade do trabalhador em deslocar-se até a escola. Para ele, a educação deve ser considerada como um problema econômico e social.

Também, abordou-se as três ideias pedagógicas centrais no tipo de educação não formal que caracteriza o autor ao iniciar sua ação pedagógica, com influência européia, que se resume na estratégia pedagógica da conversação, rol mediador do docente e prática da contradição cognitiva.

As principais referências teóricas do trabalho foram às obras de Mariátegui: *Os sete ensaios de interpretação sobre a realidade peruana* e *Sobre Educação*, e obras de intelectuais que estudam o autor como Luiz Bernardo Pericás e Carlos Indacochea. A orientação teórico-metodológica destes apontamentos compreendeu o materialismo

histórico dialético, estabelecendo uma conexão com o conhecimento teórico e a realidade histórica objetiva.

2 BIOGRAFIA DO AMAUTA¹ E A REFORMA UNIVERSITÁRIA LATINA

José Carlos Mariátegui nasceu em 14 de junho de 1895, período de gestação das grandes transformações que caracterizariam a década de 1920 no Peru. No fim do século XIX havia a hegemonia do Partido Civil, no entanto havia uma tentativa de organização operária, que acompanhava a movimentação de caráter internacional. Esta tentativa de organização tinha forte tendência anarquista, de linha bakuninista, trazida à América Latina por imigrantes europeus, muitos militantes da I Internacional. Este movimento teve como mentor intelectual Manuel González Prada que reivindicava, através do jornal *Voz Obrera*, melhoria salarial, melhores condições de trabalho, garantia de emprego e baixa do custo de vida. (BELLOTTO; CORRÊA, 1982).

Em 1908, Mariátegui iniciou sua carreira jornalística, como revisor do *La Prensa*, jornal que sofreu repressão governamental. Neste momento escreveu seus primeiros poemas religiosos e patrióticos. Em 1914, escreve crônica jornalística, popularizando-se sob o pseudônimo de Juan Croniqueur e escreve versos, crítica teatral, artística e literária, contos, notas sobre a atualidade nacional e internacional.

Após a Primeira Guerra Mundial, apresentou-se uma crise no poder político do Partido Civil, permitindo a candidatura vitoriosa à presidência da República de Guillermo Billinghurst (comerciante de salitre em Arica), esta durou apenas 16 meses, sendo o prenúncio da perda da hegemonia do poder dos latifundiários. Colocou-se no poder, em fevereiro de 1914, o coronel Benavides que foi contestado pelos jornais *La Lucha*, de González Prada, e *El Motín*, de Carlos Del Barzo, que protestavam contra o regime militar reinstaurado no poder.

Em maio de 1915, José Pardo assumiu a presidência. Em 1918 Augusto Leguía, ex presidente, candidatou-se como oponente ao civilismo de Pardo, tendo o apoio do jornal *El Tiempo*.

A partir de 1916, Mariátegui colaborou para vários jornais, entre os quais *El Tiempo*, com comentários políticos e humorísticos numa coluna chamada *Vocês*. Em 1917, fundou o jornal *La Noche* por oposição a *El Dia*, de José Pardo.

¹Apelido recebido por Mariátegui, fundador da Revista Amauta. Amauta, na cultura incaica significa o homem sábio de si e do mundo.

No ano de 1918, Mariátegui define sua atuação intelectual e política fundando a revista *Nuestra Época*, pretendendo ser uma revista de combate, denotando um esforço de revisão ideológica do grupo. Intencionava superar as preocupações literárias e agir na vida política do país, propagando novas ideias e alcançando um público maior, e seus escritos não traziam mais o pseudônimo de Juan Croniqueur.

Mariátegui e Cesar Falcón tentaram organizar um comitê de propaganda socialista, em 1918, sem sucesso, e em 1919 participou do grupo que tenta a formação do partido socialista, dissolvida no mesmo ano como resultado de violenta repressão governamental. Esta tentativa de mudança estimulou o recrudescimento dos movimentos operários.

Augusto Leguía, presidente do Peru que toma posse através de um golpe em 1919, impedindo o processo de modernização do Peru e atendendo aos interesses da classe média, vê em Mariátegui um potencial opositor organizado e permanente de seu governo, procurou anulá-lo oferecendo-lhe a oportunidade de uma viagem à Europa, subsidiado pelo Estado. Ele aceitou e viajou para a Europa em outubro de 1919.

Sua permanência na Europa se deu de 1919 a 1923. Primeiro foi para Paris, trasladando-se para a Itália onde permaneceu por dois anos e meio, depois dirigiu-se para a Alemanha, país em que viveu durante seis meses. Na Itália casou-se, em 1921, com Ana Chiappe, natural de Siena e residente em Florença. Teve quatro filhos, um nascido na Itália e os outros no Peru.

Chegou à Europa num momento de grandes transformações e novas perspectivas. Havia uma busca de novas formas de organização política e inquietações do ponto de vista estético, também neste período obteve informações e ideias referentes à educação, e posteriormente apresentou algumas propostas para serem colocadas em prática na realidade peruana.

Ao voltar para o Peru, Mariátegui se coloca a missão de traduzir o marxismo histórico para a realidade peruana, iniciando a “idade da revolução”². Ele era visto como o poeta de autêntica inspiração e refinado sentido estético, conforme matéria publicada em *Variedades*, em maio de 1923 (BELLOTTO; CORRÊA, 1982).

Mariátegui se envolveu com o grupo de Víctor Raúl Haya de la Torre, que culminaria na futura Alianza Popular Revolucionaria Americana (APRA). Haya propôs no Congresso Estudantil de Cuzco, em 1920, a instalação de escolas noturnas para

² De acordo com Leila Escorsim, para grande parte dos biógrafos, a vida e a obra de José Carlos Mariátegui (1894/1930) podem ser compreendidas em duas etapas que, sem constituírem momentos estanques, configuram distintos momentos evolutivos: a idade da pedra (designação do próprio Mariátegui), que vai até 1919, e a idade da revolução, de seu retorno da Itália à sua morte. (ESCORSIM, p. 15-16, 2006).

trabalhadores, que dariam origem às Universidades Populares (UPs). As Universidades Populares fundamentavam-se no princípio de que o proletariado deveria ser conscientizado social e politicamente através da atitude de professores e intelectuais, alinhando as relações entre operários e intelectuais. Estas Universidades se formalizam a partir de 1921, com o nome de González Prada (UPGP), homenagem à ação revolucionária deste pensador anarquista.

O Amauta era um autodidata, contrário ao ensino universitário tradicional. Aceitou o convite de Haya para colaborar nas UPGP, ministrando cursos aos trabalhadores sobre os movimentos operários na Europa e no Peru, sobre as revoluções russa, alemã e mexicana e sobre aspectos da crise europeia do pós-guerra.

Iniciou sua atuação nas UPGP em junho de 1923, procurou inteirar-se da programação desse instituto e assistiu às aulas ministradas por outros intelectuais peruanos. Suas conferências deram origem à obra *Historia de La crisis mundial*, publicada em 1959. Nestas conferências utilizava linguagem voltada para o público de trabalhadores.

Para Mariátegui, a questão da propriedade é o fio condutor do materialismo histórico, inclusive exercendo influências na educação, portanto possuem relação dialética não sendo possível dissociar o material da ideologia: o estudo das superestruturas (ideologia, política) é condicionado a um limite material que está relacionado com as formas de propriedade e produção de determinada sociedade. Abordado este aspecto, considerado como fundante para o autor na realidade peruana, apresentaremos, mais adiante, algumas contribuições do autor para a educação, sempre focando a realidade material e cultural do Peru.

Mariátegui escreveu em meio a efervescência do movimento estudantil, que iniciou-se em Córdoba (Argentina), pela reforma da Universidade, marcando o nascimento da nova geração latino-americana. A compilação de documentos da reforma universitária na América Latina, realizada por Gabriel Del Mazo, cumprindo um encargo da Federação Universitária de Buenos Aires, oferece uma série de testemunhos da unidade espiritual deste movimento. Este movimento se deu pelas camadas pensantes e setores excluídos. Defendiam princípios socialistas, anarquistas, nacionalistas. Estudavam as teorias marxistas e criaram as Universidades Populares em toda a América Latina.

Em 1919 inicia-se o movimento reformista no Peru, na Universidade de Lima, e em Montevideu; em 1920 reúne-se na cidade de Cuzco o primeiro Congresso Nacional de Estudantes Peruanos, incluindo na agenda de debates a questão da exploração indígena;

também em 1920 projeta-se o movimento de reforma universitária no Chile; em 1921 é o México que se mobiliza pelas questões reformistas; Medellín e Bogotá proclamam a reforma universitária da Colômbia em 1922 e 1924; em 1923, Cuba dá sinais de mobilização com o primeiro congresso nacional de estudantes cubanos; em 1927 é o Paraguai, com a reforma da universidade de Assunção; em 1928 é a primeira convenção dos estudantes da Bolívia em Cochabamba; ainda em 1928 destaca-se a geração universitária reformista da Venezuela, "a geração de 28"; é nessa data também que se anunciam as primeiras manifestações dos estudantes brasileiros no sentido da reforma do ensino.

Em 21 de junho de 1918, os estudantes aprovam o importante Manifesto Liminar ou *La juventud argentina de Córdoba a los hombres libres de Sud América*. Redigido por Deodoro Roca, o documento foi assinado por Enrique Barros, Horácio Valdés, Ismael Bordabehere, alguns dos dirigentes da Federação Universitária de Córdoba (FUC), que havia sido fundada no dia 18 de maio. O documento é considerado pelos pesquisadores da história das universidades latino-americanas a principal carta de princípios apresentada até aquele momento (FREITAS NETO, 2016).

A construção de uma universidade a partir da cultura da América Latina era um dos desafios que o movimento estudantil de Córdoba, na Argentina, defendeu em seu Manifesto de 21 de junho de 1918. Este documento exigia que se fizesse a revisão do papel da universidade:

As universidades foram até aqui o refúgio secular dos medíocres, a renda dos ignorantes, a hospitalização segura dos inválidos e – o que é ainda pior – o lugar onde todas as formas de tiranizar e de insensibilizar acharam a cátedra que as ditasse. As universidades chegaram a ser assim fiel reflexo destas sociedades decadentes que se empenham em oferecer este triste espetáculo de uma imobilidade senil. Por isso é que a ciência frente a essas casas mudas e fechadas, passa silenciosa ou entra mutilada e grotesca no serviço burocrático. Quando um momento fugaz abre suas portas aos altos espíritos é para arrepender-se logo e fazer-lhes impossível a vida em seu recinto. Por isso é que dentro de semelhante regime, as forças naturais levam a mediocrizar o ensino, e o alargamento vital de organismos universitários não é o fruto do desenvolvimento orgânico, mas o alimento da periodicidade revolucionária. (MANIFESTO DE CÓRDOBA, 1918).

A chamada Reforma de Córdoba é considerada um marco na história das universidades latino-americanas por ser pioneira na construção de um modelo institucional que atribuiu uma identidade e um modelo de atuação renovador no ensino superior (FREITAS NETO, 2016).



A inquietação estudantil pode ser observada antes da eclosão do movimento de 1918. Interferências do clero em atividades acadêmicas que expunham visões diferentes das preconizadas pela Igreja, por exemplo, passaram a ser vistas como improváveis em uma sociedade republicana. Os estudantes manifestaram, reforçando a descrição sarmientina sobre o conservadorismo do interior em contraposição à vanguarda portenha, que o espírito das lutas pela independência política, protagonizado pelos líderes de Maio de 1810 chega a Córdoba apenas em 1918. Era como se Córdoba tivesse permanecido à margem dos intensos processos de transformação e consolidação da República Argentina que duraram aproximadamente cinco décadas (FREITAS NETO, 2016).

Com a experiência da Primeira Guerra Mundial muitos intelectuais foram levados a rever o europeísmo como indicador da modernidade a ser buscada. Ao mesmo tempo, muitos países comemoravam o primeiro centenário de suas independências políticas e ainda se perguntavam sobre qual nação que estava sendo construída. Mais do que avaliar o passado, estavam sendo propostos desafios em direção ao futuro das sociedades latino-americanas. Naquele ambiente, as referências às questões de cada país provocaram uma redescoberta dos vizinhos: de um sentimento patriota chegava-se à condição política e econômica da América Latina. O diagnóstico de que se enfrentava um inimigo comum, o imperialismo, suscitava a aproximação entre os latino-americanos.

A experiência dos estudantes de Córdoba contra a interferência do clero e dos setores mais reacionários implicava a defesa do princípio da autonomia, que em outros países, e por diversas vezes ao longo dos anos seguintes, foi utilizada contra as pressões governamentais. A defesa da autonomia foi parte das declarações de movimentos estudantis que se seguiram ao Manifesto de 21 de junho de 1918 em vários países, como México, Uruguai, Chile, Brasil e Peru. A autonomia tinha que existir como uma bandeira em meio a um limite tênue entre o ataque às cátedras e ao ensino universitário vigente e a afirmação da liberdade universitária para sua reorganização. Portanto, a autonomia não era uma bandeira simples, posto que se negociava com demandas como a inserção social da Universidade e mecanismos de controle das instâncias administrativas por parte de estudantes, professores e funcionários (FREITAS NETO, 2016).

O processo de agitação universitária na Argentina, Uruguai, Chile, Peru, etc., apresentam a mesma origem e impulso. A força que propaga e dirige o movimento vem do estado de ânimo, da corrente de ideias que se designa, “não sem risco” de equívoco, de novo espírito. Os estudantes de toda a América Latina, movidos pela luta e protestos peculiares de sua própria vida, parecem falar a mesma linguagem (MARIÁTEGUI, 1975).



Para Mariátegui, este movimento está conectado com a herança pós bélica. As esperanças messiânicas, os sentimentos revolucionários, as paixões místicas próprias do pós guerra repercutiram na juventude universitária da América Latina. Os jovens despertaram para cumprir uma função fundamental e realizar uma obra que ficaria para a histórica.

Para que se concretize uma estreita e crescente relação com o avanço das classes trabalhadoras e com o abatimento de velhos privilégios econômicos, deve ser feita uma profunda renovação da educação latino americana. Uma reforma só será efetiva se tocar as raízes do problema educacional, mas destaca os aspectos positivos do movimento.

Para o Amauta, e muito de seus amigos (Abraham Valdelomar, Percy Gibson, José Maria Eguren e outros), as universidades eram feitas para grupos privilegiados, tomados pelas elites econômicas e “intelectuais”, que as usavam para perpetuar seu aristocratismo. A universidade estava distante da realidade nacional peruana e isolada das massas populares, não havendo um real comprometimento com o país, sendo fundamental envolver as instituições de ensino na vida nacional (PERICÁS, 2006).

O que foi observado, neste período, é a formação, no calor da Reforma, de núcleos de estudantes que, em estreita solidariedade com o proletariado, se empenharam na difusão de avançadas ideias sociais e estudo das teorias marxistas.

Os estudantes também levantaram a bandeira da democratização da universidade na gestão e na permanência dos estudantes. Em Córdoba reivindicava-se a participação de estudantes, graduados e professores na gestão. As experiências concretas e a reforma na legislação argentina asseguraram a participação estudantil em Córdoba e, posteriormente, em diferentes níveis nas universidades latino-americanas. O ponto dissonante, no caso argentino, foi que ao longo das décadas o pressuposto de que há uma comunidade educativa em que todos os membros, independentemente de suas posições políticas, religiosas ou ideológicas, compartilham um conjunto de valores e uma lógica de funcionamento com a finalidade de produzir e transmitir conhecimento, foi perdendo significado (FREITAS NETO, 2016).

As tensões na vida universitária, como se observa, são parte da própria lógica de funcionamento de um espaço de produção e circulação de conhecimento.

Segundo Mariátegui (1975), as principais reivindicações da Reforma Universitária foram a intervenção dos alunos na gestão das universidades e o funcionamento de cátedras livres, ao lado das oficiais, com idênticos direitos, a cargo de professores

ministrem disciplinas que oxigenem o currículo, liberdade de frequência dos alunos, aproximação da Universidade com a sociedade, particularmente os trabalhadores.

A liberdade de oferta de cursos e disciplinas externos às cátedras obrigatórias, por professores não integrantes ao quadro universitário, era uma opção de quebra da rigidez das cátedras. Os estudantes podiam optar entre disciplinas a serem cursadas e os docentes tinham de se desdobrar em sua atividade para atrair os estudantes.

Também, deveria dar atenção especial a necessidade de organizar a Universidade de modo a lhe dar, em todos os seus aspectos, uma ampla aplicação prática e uma completa orientação científica, foram orientados pelos norte-americanos, que guiaram e formataram o método de ensino que se voltava para a produção e desenvolvimento do capitalismo, no entanto a herança colonial não permite a implantação deste método (MARIÁTEGUI, 1975).

A reforma universitária teve grandes repercussões no pensamento de Mariátegui. A educação específica dos indígenas foi relegada a um segundo plano, ainda que a problemática agrária e indigenista fosse um tema importante na obra do jornalista. Para ele, seria difícil manter escolas e professores “progressistas” em colégios indígenas enquanto a nação ainda estivesse marcada por características feudais. A questão crucial era democratizar e socializar o acesso à terra, a única condição para que o índio pudesse melhorar sua situação como um todo, tanto no Peru como no continente de forma geral (PERICÁS, 2006).

Deve-se continuar refletindo e projetando uma universidade que esteja conectada a seu tempo, expressando suas pluralidades, necessidades e contradições, que não tema pelo futuro que seus próprios atores estejam construindo.

2.1 Contribuições de Mariátegui para um método de ensino

Muito se escreveu sobre as contribuições de Mariátegui à educação, inclusive sobre as estratégias pedagógicas nas conferências proferidas na Universidade Popular na década de 1920, utilizadas na educação não formal, dirigidas a um público de trabalhadores (jovens e adultos), desenvolvidas em espaços educativos, para estudantes com características e metas políticas de trabalho, que surgiram da prática sindical, dos explorados, marginalizados e excluídos, com as mesmas características de anos atrás, sendo necessário mudar as práticas pedagógicas convencionais.



Para Pericás (2006), a Revista Amauta (fundada por Mariátegui), a partir do número 17, começa a se definir como socialista, sendo uma forma de educar e transmitir informações aos camponeses e excluídos da educação formal. Era divulgada no interior do Peru, em áreas rurais, lida em voz alta para os camponeses e transformada em objeto de discussão coletiva. Não era apenas voltada para um público intelectualizado, mas também aos camponeses e indígenas, alguns analfabetos ou com pouca instrução formal.

Mariátegui estudou as obras de Antônio Gramsci, Marx e Engels, os escritos de Lênin e dos bolcheviques da Revolução Russa, Sorel e muito dos ativistas italianos da época.

O autor sempre demonstrou um interesse enfático com a educação dos trabalhadores, não apenas pela construção de uma democracia andina efetiva, mas também como meio de proporcionar uma ação consciente das massas populares na luta pelo socialismo. A reforma universitária do Peru se dá a partir de 1915 e tem o seu auge em 1920 (com o movimento pela Reforma Universitária da América Latina, conforme exposto no capítulo anterior), neste momento e até o final de sua vida, Mariátegui dá sua contribuição à educação.

Embora reconheça as influências estrangeiras na instrução pública, espanhola, francesa e estadunidense, para ele, a educação peruana tinha um espírito colonial e colonizador que era determinante na educação, pois quando os programas de educação pública se referem aos índios, não se referem a eles como peruanos iguais, estes eram considerados como uma raça inferior (MARIÁTEGUI, 1975).

Mariátegui criticava o culto as áreas de humanidades, alguns concebiam as universidades e os colégios como uma fábrica de gente de letras e leis. Não havia solicitações para orientações práticas, dirigidas a estimular o trabalho e empurrar os jovens ao comércio e a indústria. O ensino no Peru era incongruente a política econômica nacional.

Em 1923 não existia educação formal para os trabalhadores adultos, as contribuições pedagógicas de Mariátegui contidas no artigo de Rengifo publicado em 1979 têm sentido atual com foco na aprendizagem por toda a vida (INDACOCHEA, 2016). Ele não teve educação formal, foi um autodidata, mas por seu compromisso sócio-político com a classe trabalhadora, os explorados, exige que proponha propostas pedagógicas inovadoras a serem usadas na educação dos trabalhadores.

O Amauta propôs novas “fórmulas” escolares, focadas essencialmente na “auto formação” e no controle dos métodos e conteúdos do ensino pelas próprias massas



populares, possibilitando o despertar de uma consciência revolucionária, a partir de uma progressiva educação “ideológica” do campesinato, realizada por docentes que fossem também indígenas e/ou trabalhadores. Sendo uma forma de resistência a difusão e reprodução da ideologia dominante das elites e do governo. Para ele, o problema do ensino deveria ser compreendido como um problema econômico e social, podendo ser “reformado” quando as leis econômicas e sociais o permitissem (PERICÁS, 2006).

De acordo com Indacochea (2016), as três ideias pedagógicas centrais no tipo de educação não formal que identifica o Amauta ao começar sua ação pedagógica, com influência européia, são: estratégia pedagógica da conversação, rol mediador do docente e prática da contradição cognitiva.

A estratégia pedagógica da conversação – focando estudantes trabalhadores, jovens e adultos, objetiva a aprendizagem ao longo da vida, de acordo com o perfil específico e expectativas concebidas na adversidade. Indacochea cita o exemplo de Alberto Flores, 29 anos, 2 Ciclo Avançado do Centro Educativo Novo Progreso, Região Tumbes – Matapalo:

[...] Naci em Huancabamba distrito de Lalaquzcaserío de Tambo Chico, Piura.

Mi vida estudiantil fue tan difícil de continuar mi nivel secundaria debido a las circunstancias económicas y por viviren um lugar muy lejos que tenia que caminar 4 horas em La mañana y 4 de regreso y todos los días tenia que comer mi almuerzo frío. Esto no me permitió continuar con mis estudios em mi edad adecuada. Esto me obligo a salir de mi Pueblo em busca de trabajo a la provincia de Jaen. Esto ocurrió cuando tenia 13 años de edad me dedique a trabajar para proveer para mis necesidades, mi vida era tan difícil algunos vicios invadieron mi vida.

[...] Esto ocurrió hasta La edad de 20 años em el año 1998 emigré a La ciudad de Tumbes distrito de Matapalo, me Casé tuve mi primer hijo comencé a ocupar cargos dentro de mi comunidade, tuve la oportunidad de conocer algunos departamentos y mi auto estima se fue recuperando, me di cuenta que era útil para la sociedade [...] (INDACOCHEA, 2016).

O peruano Alberto Flores não teria abandonado os estudos, se a “Escola Unitária” fosse uma realidade. Esta pretendia preparar o homem para o exercício da cidadania e para ser dirigente, deste argumento vem o currículo fundamentado no conhecimento técnico, em noções científicas aplicadas à indústria. Ser dirigente implicava também ser político, capaz de desenvolver-se como “criador de si mesmo”, da sua vida e da sua história. Em outras palavras, um sujeito histórico, revolucionário.

A proposta de Escola Única de Gramsci caminha na direção contrária da escola tradicional. Esta tem optado pelo princípio educativo da divisão do trabalho, produzindo e



valorizando um conhecimento teórico, intelectualizado, distanciado do movimento real. Reproduz, assim, a lógica do processo produtivo que separa a decisão da prática, separa o momento de aprender a pensar, do momento de aprender a fazer, isto é, separa a teoria da prática, produzindo, assim, um conhecimento fragmentado, teoricista, desvinculado das relações sociais concretas e que impede a escola de cumprir sua função no processo de transformação do existente.

Também, para Mariátegui escola deveria unir o trabalho manual e o trabalho intelectual em um mesmo ambiente, conforme o relato acima verifica-se a dificuldade do trabalhador em deslocar-se até a escola. Para ele, a educação deve ser considerada como um problema econômico e social:

El problema de La enseñanza no puede ser bien comprendido al no ser considerado como un problema económico y como un problema social. El error de muchos reformadores ha residido en su método abstractamente idealista, en su doctrina exclusivamente pedagógica. Sus proyectos han ignorado el íntimo engranaje que hay entre La economía y La enseñanza y han pretendido modificar éstas in conocerlas leyes de aquélla. Por ende, no han acertado a reformar nada sino en la medida que lãs leyes económicas y sociales les ha consentido. (MARIÁTEGUI, 1975, p. 39).

A aprendizagem é um processo para toda a vida, portanto a formação integral do indivíduo não se alcança nos primeiros anos de vida, o aprender pessoal apenas se esgota no final da vida. Embora considerasse toda fase de aprendizagem importante, Mariátegui considerava os professores de ensino primário como fundamentais, por estarem mais próximo do povo por sua origem popular, estes se dedicariam exclusivamente ao ensino e compreenderiam de fato os setores mais humildes da população, por fazer parte deles, diferente dos docentes de secundário ou das universidades, mais elitistas e diletantes, com outras profissões ou atividades.

Conforme Indacochea (2016), a escola burguesa, criação do capitalismo do século XVIII, está projetada para aprendizagens terminais e etapistas para integrar o exército de desocupados no sistema de dominação e opressão que imperam na sociedade. O conhecimento é segregado impedindo uma visão totalizante.

Refletindo sobre uma escola de luta e que possibilite o senso crítico para romper com a homogeneidade da classe dominante, Gramsci propôs a “escola do trabalho” (JESUS,1989), uma proposta que formasse a nova geração de produtores, ou melhor, a preparação de técnicos que não fossem apenas executores mecânicos, mas que

dominassem a sua arte ao adquirir o saber sobre a técnica, seus limites e possibilidades tendo entendimento de suas ações práticas.

Mariátegui foi trabalhador e sabe da rotina diária: longas jornadas de trabalho, salários miseráveis, condições básicas de sobrevivência, assim como o descanso para a reposição de energia para aguentar o dia seguinte. E como motivar o trabalhador para que o tempo disponível seja construído para sua aprendizagem? Ele propõe uma estratégia pedagógica de conversação entre os atores, o professor e os estudantes, mas uma relação horizontal que implica na participação ativa de todos na aprendizagem, manejando níveis e ritmos com flexibilidade, com saberes resultantes da relação que se encaixa com a sua vida de trabalho e a situação concreta de exploração, fruto das relações sociais e econômicas do sistema capitalista em desenvolvimento.

A conversação mariateguista vai dos saberes teóricos até a experiência cotidiana de cada um dos atores, buscando motivações internas e utilizando as relações sociais de exploração. Não são saberes acadêmicos burgueses de currículos medíocres e com metodologias voltadas para o mercado, a aprendizagem de jovens e adultos trabalhadores é o que auto motiva a necessidade de lutar contra o capital, para o qual têm que descartar a cultura de dominação imposta nas escolas e universidades assim como os meios de comunicação e para o caso de testemunho citado, rejeitando o neocolonialismo.

Na característica defendida por Mariátegui em que o docente atua como mediador, o trabalhador deve desenvolver-se para eventos contingentes, necessitando de competências que se formam na mediação do docente com o compromisso sócio-político. Com os trabalhadores, jovens e adultos, a velha escola da reprodução não tem espírito matinal, para a qual o docente tem que assumir um novo rol: a mediação. Propõe que os trabalhadores estudem em seus próprios espaços de trabalho, em que todos os atores têm papéis fundamentais na aprendizagem, está pondo em prática uma pedagogia da mediação e cujo contexto pedagógico é conversar para gerar a contradição de saberes, e assim desenvolverão seus próprios processos de aprendizagem, tanto do professor como do estudante (INDACOCHEA, 2016).

O professor é mediador de uma cultura externa, baseada no conhecimento científico e culturalmente diferenciador a qual acende mediante informação selecionada, de modo que cada um dos trabalhadores, independentemente de sua formação básica, possa construir sua cultura interior revolucionária, emergindo lutadores. Através da mediação, professores e alunos devem identificar espaços de aprendizagem

democráticos. O Amauta redefine a relação com os estudantes e trabalhadores, em que o docente assume uma posição horizontal, sendo facilitador das aprendizagens teóricas e mediador de aprendizagens reais, a cultura externa progressista onde o trabalhador está situado pela natureza da relação com o capital e a cultura interior produto de saberes e experiências prévias, sejam familiares, comuns ou sindicais.

Prática da contradição cognitiva – com o conhecimento da cultura externa e com o saber prático que se dá o ato pedagógico, podendo desencadear em aprendizagens, começar a desaprender para reaprender uma nova cultura militante. A horizontalidade na prática está relacionada diretamente com a ideia de formação integral, a união do trabalho manual com o intelectual dos anarquistas do século XVIII. O Amauta aporta suas observações diretas, primeiro escala a atitude investigativa para um trabalho curricular como parte dos erros pedagógicos atuais, que implica no reconhecimento destes saberes precedentes, que a diferencia da criança, são de luta constante contra a exploração e a ignorância (INDACOCHEA, 2016).

Tentar ir contra hegemonia se caracterizará pela luta por uma nova concepção de mundo, pela contraposição ao poder estabelecido e pela negação da dicotomia saber/trabalho. Esta educação se opõe à estrutura capitalista de relações sociais, à divisão de classes, possibilitando a apropriação coletiva do saber que se compromete com os interesses básicos da classe dominada. O saber permite que as contradições sejam percebidas, pondo em perigo o saber oficial. A educação é contraditória, pois possibilita tanto a disseminação por parte da classe dirigente, como sua desocultação por parte dos dirigidos, pela ruptura com um saber mascarador substituído por um mais revolucionário, caracterizado pela luta contra o senso comum. A superação do senso comum é o primeiro passo para a reforma intelectual e moral (JESUS, 1989).

A pretensão de Mariátegui é pôr no ato pedagógico estes saberes, produtos da experiência direta dos estudantes/trabalhadores, resultados de observação e prática, não de estudo, com potencial para gerar a contradição pedagógica para que autonomamente cada trabalhador construa seus conhecimentos. O autor incentiva processos autônomos na atual pedagogia de enfoque progressivo. Esta autonomia possibilita a desocultação do saber mascarador pelo saber revolucionário.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS



O fundador da revista *Amauta* trouxe à baila temas que permanecem na sociedade, como o tema educação, foco desta pesquisa. É importante destacar suas análises, pois, essas conservam uma característica impressionista e exemplificam sua teoria de que a conjuntura, a movimentação das coisas reais, não se trata somente através de letras, mas sobretudo de momentos, cenas que firmam uma obra vivida, ligando prática à prática, episódios a episódios de forma temporal.

A escola de Mariátegui não deveria ser apenas uma idealização. Mariátegui discute e defende a Escola do Trabalho, como a concepção socialista, assim como Gramsci defende a escola única. É uma escola, não do trabalho alienado, que prepara jovens para o mercado de trabalho capitalista, mas para a emancipação humana, na qual teoria e prática, vida moral e material, produção e arte, corpo e espírito estivessem em vigor. As obras e a vida de Mariátegui servem para a reflexão sobre a educação numa época em que o conformismo era gritante, muito semelhante a atualidade. Ele quer ir além da defesa da escola pública, gratuita e laica. Quer a escola socialista, a Escola do Trabalho e uma escola que tenha sentido para a vida material e espiritual dos estudantes, dos trabalhadores e dos camponeses.

Enfim, através desta exposição, deve-se refletir a escola contemporânea, que deveria ser vista como a via para a formação do processo de pensar, mas um pensar crítico, que, conseqüentemente, proporcionará uma formação crítica/humanitária, possibilitando ações críticas e inovadoras, este processo se concretiza?

Também, é imprescindível propor a análise quanto ao público ao qual a escola está voltada, como no momento em que Mariátegui escreveu, a escola estava apenas focada para um público intelectualizado e de posse da propriedade, e deveria também estar voltada aos camponeses e indígenas, alguns analfabetos ou com pouca instrução formal. O que fazer para criar uma escola que faça com que o conhecimento chegue até os trabalhadores/proletários, camponeses, pobres, negros etc, este é um dos maiores desafios dos profissionais da educação.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Manoel L.; CORRÊA, Anna Maria M. Introdução. In: **Mariátegui**. Organizadores BELLOTTO, Manoel L.; CORRÊA, Anna Maria M. São Paulo: Ática, 1982.

ESCORSIM, Leila. **Mariátegui**: Vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2006.



FREITAS NETO, José Alves de. A reforma universitária de Córdoba (1918): Um manifesto por uma universidade latino americana. In: **Revista Ensino Superior Unicamp**. Disponível em: http://www.gr.unicamp.br/ceav/revistaensinosuperior/ed03_junho2011/pdf/10.pdf. Acesso em: 17 jun. 2016.

INDACOCHEA, Carlos Rubianes. Tres estratégias pedagógicas de José Carlos Mariátegui para La educacion no formal de jóvenes y adultos – y adolescentes trabajadores. In: **Algunas notas sobre estratégias pedagógicas mariateguistas**. Disponível em: <http://www.pacarinadelsur.com/images/stories/pdf/mariategui3.pdf>. Acesso em 06 jun. 2016.

JESUS, Antônio Tavares de. **Educação e Hegemonia**: no pensamento de Antônio Gramsci. São Paulo: Cortez. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1989.

MARIÁTEGUI, J. C. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

_____. **Sobre educação**. Seleção e tradução de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Xamã, 2007.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. **A atualidade dos ensinamentos da reforma de córdoba (1918)** – Ou qual a herança de Córdoba nas Reformas Atuais. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/grupos/reforAboit/08oliaze.pdf>. Acesso em 17 jun. 2016.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Mariátegui e a questão da educação no Peru. In: **Lua Nova**, São Paulo, 68, p. 169-204, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n68/a07n68.pdf>. Acesso em 08 jun. 2016.

ROCA, Deodoro. **La juventud argentina de Córdoba A los hombres libre de Sud América. Manifiesto de La F.U. de Córdoba**. Disponível em: <http://www.reformadel18.unc.edu.ar/manifiesto.htm>. Acesso em: 24 jun.2016.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

Contribuições para a educação de José Carlos Mariátegui.
Contributions for education of José Carlos Mariátegui.
Aportes para la educación de José Carlos Mariátegui.

Marcela Andresa Semeghini Pereira
Doutora em Ciências Sociais
Universidade Estadual Paulista, Marília, Brasil
ma.andresa@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7240-5283>

Endereço de correspondência do principal autor

Não se aplica.



FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 13 de abril de 2017

Aprovado em: 13 de agosto de 2018

